

a porta para F.” brasileiro; “abra a porta a F.” - português). Manifesta-se, igualmente, nas imagens, comparações, metáforas, e na *conotação*, ou tonalidade afetiva, de muitas palavras.

Concluindo: nossa língua é a portuguesa, mantida aqui admiravelmente una; mas utilizamos esse riquíssimo e plástico *sistema* de acordo com nossa visão e nossa sensibilidade brasileira, com “estilo brasileiro”. Por uma estamos integrados na cultura luso-tropical e na civilização românica; pelo outro afirmamos nossa vigorosa nacionalidade.

(In *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3-4-1966.)

ETIMOLOGIA POPULAR.

(1946)

Tem-se dado este nome a um processo de modificação e de formação de palavras, e às vezes até de frases, muito caro ao povo e comum a todas as línguas. Consiste nisso: ouve a gente do povo uma palavra ou expressão estranha à sua linguagem e a relaciona imediatamente com outra palavra ou combinação de palavras que lhe são familiares e que apresentam com a nova expressão certas analogias obscuras, o mais das vezes paridade de som. Influi o termo conhecido no desconhecido e o ajeita à sua imagem e semelhança. Desta sorte se produzem alterações não raro violentas na estrutura de certos vocábulos que entram no uso popular, alterações essas que aberram das leis da fonética histórica e que acaso poderiam constituir problemas insolúveis para o filólogo ou lingüista que não atentasse à “etimologia popular”.

Nos seus magníficos *Novos Estudos*, dedica o saudoso Mário Barreto um interessante capítulo ao processo em questão (cap. XIX, da 2ª ed., de 1921). Vêm aí apontadas várias metamorfoses ocasionadas por aproximações fonéticas. É o caso de *vagamundo* por *vagabundo*. Para o vulgo, a palavra, nesta forma última, é desprovida de conteúdo significativo, e ele inconscientemente a transforma em *vagamundo*, por influência de *mundo* e do verbo *vagar*: *vagamundo* = “aquele que erra pelo mundo”. É o caso de *praia-mar*, novo traje de *prea-mar*, vocábulo composto de *prea* (do latim *plena*, “cheia”) e *mar*, formado quando esta última palavra ainda era feminina (cf. francês *la mer*), significando, pois, o composto “mar cheio”. Desconhece o povo a estrutura do vocábulo, ignora o sentido de *prea*, que se arcaizou, e tendo na mente *praia*, sugerido por *prea*, sem o querer muda a expressão em *praia-mar*. Lembra o filólogo patricio que o povo transformou o brocardo

latino “necessitas caret lege” (“a necessidade está acima da lei”) em “a necessidade tem cara de herege”, coisa que positivamente não quer dizer nada, mas que tem com a máxima latina inegável similitude fonética. O grande filólogo colombiano Rufino Cuervo, citado por Mário Barreto, reporta que ouviu em Bogotá a uma velha rezar a Ladainha de Nossa Senhora, dizendo “ya no hay cielo” (isto é “já não existe céu”) em lugar de “Ianua caeli” (“porta do céu”), que é o que figura no texto ⁽¹⁾.

Os lingüistas dos nossos dias, com boa razão, têm rejeitado por inadequada a expressão “etimologia popular”, preferindo denominar de “atração homônímica” o processo ora em questão. Realmente, na maioria dos casos registados não seria lícito enxergar *etimologias* feitas pelo povo, mas apenas modificações operadas na fisionomia da palavra, por influência inconsciente ou subconsciente de vocábulo homônimo ou parônimo.

No entanto, ousamos dizer que se deviam conservar e usar as duas expressões. Sim, porque, se a maior parte dos fatos capitulados até agora como “etimologia popular” representam, na verdade, fenômenos de “atração homônímica”, em outros há trabalho psicológico de *interpretação do sentido da palavra nova pela discriminação dos elementos que, supostamente, lhe entram na estrutura*. É o que se dá, por exemplo, com o citado *vagamundo*, onde se vê, mais que a simples influência fonética de *mundo*, uma análise semântica da palavra: *vaga-mundo*, “o que vaga pelo mundo”, “corre-mundo”. Observa-se aí indiscutivelmente um processo de “etimologia popular”.

Donde, parece-me que devemos distinguir. Nos casos em que houve apenas “ouvido lingüístico”, nos casos em que o indivíduo percebeu uma palavra semelhante àquela tal que já conhecia, e, portanto, enquadrou o novo vocábulo no seu sistema fonético e morfológico pessoal, nesses casos, estamos diante de “atração homônímica”. Quando seja possível ver na palavra modificada um esforço de interpretação, um raciocínio, embora viciado, uma necessidade de *compreender* o vocábulo novo, que será então decomposto semanticamente, aí haverá sem dúvida, segundo penso, *etimologia popular*.

Notemos agora, com o Mestre da Lingüística moderna, Saussure, que embora a *etimologia popular* (ou a “atração homônímica”) ⁽²⁾ tenha algo de comum com a *analogia*, desta no entanto se distingue essencialmente. “Os dois fenômenos têm apenas um caráter comum: em um e outro utilizam-se elementos significativos fornecidos pela língua; porém, no mais são diametralmente opostos. Supõe sempre a analogia o esquecimento da forma anterior: na base da forma analógica *il traisait* não há nenhuma análise da forma antiga *il trayait*; é mesmo necessário o esquecimento desta forma para que apareça sua rival. A analogia nada tira da substância dos sinais que ela substitui. Em contrário, reduz-se a etimologia popular a mera interpretação da

forma antiga; a memória desta, mesmo confusa, é o ponto de partida da deformação que ela sofre. Assim, num caso é a lembrança, noutra o esquecimento, que está na raiz da análise, e é capital essa diferença” (Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, Payot, Paris, 1931, pp. 240-241).

Em seguida, passo a estudar aqui, como pequena contribuição pessoal, alguns fenômenos de “etimologia popular” ou de “atração homonímica” por mim observados ou registrados.

1. “Gloria no céu se deu”. - Esta frase, um verso que fecha uma estança de certa canção folclórica do nosso “ciclo do Natal” é sem dúvida a transformação de “Gloria in excelsis Deo”, frase estranha e incompreendível para o vulgo, que a trasvestiu em outra, que tem com a latina parentesco sonoro e nada mais. Aliás o fato não passou despercebido a Gustavo Barroso, que o anota, e lhe dá a mesma interpretação, à página 145 do seu rico *Ao Som da Viola* (Rio, 1921). Aqui houve, a meu aviso, real “etimologia popular”, dado que se verifica nitidamente a tentativa de interpretar a expressão latina e buscar-lhe um sentido, que, aliás, faz perfeitamente ao contexto da canção.

2. “Artéria asquerosa”, transformação de “arterioesclerose”, ouvida por mim a um boçal pedante e falastrão. Creio que também aqui há “etimologia popular”, porque a nova fisionomia da expressão forma sentido e supõe, muito provavelmente, um conceito pessoal de patologia dos vasos sanguíneos.

3. “Se eu pudera no princípio e nunca e sempre”, metamorfose da resposta do “Gloria Patri”, em latim, cujo texto, como se sabe, é: “sicut erat in principio, et nunc et semper”, palavras inexpressivas para os ouvidos do povo, que as reproduziu sob aquela outra forma ofensiva da lógica, mas homófona da expressão original. Colhi esta durante uma procissão em que o povo cantava o terço, no povoado do Mundo Novo, município de Campanha, no Sul de Minas. Aqui há simplesmente “atração homonímica”, porque a frase alterada não só não forma sentido como encerra contradições: “e nunca e sempre”. Não houve preocupação ou intenção de desvendar o significado das palavras latinas, mas apenas o cuidado de repeti-las. O povo simples tem muito nítido o sentido do mistério, de tal sorte que para ele o *ininteligível* é o normal nas coisas religiosas. Ademais, está bem trabalhado por atavismos e influências de cabalística e magia, o que leva a atribuir força intrinsecamente operativa às palavras esotéricas e incompreensíveis.

4. “Dentologia”, disse-nos uma vez certa senhora, para explicar que o filho se tinha ido a estudar “odontologia”. Claro que, no caso, a transformação se operou sob o influxo de “dente”, tendo havido interpretação semântica do vocábulo, a qual deu certo, por conhecer a autora do termo adulterado a significação do legítimo. Aqui me parece muito clara a existência de “etimologia popular”.

5. “Pretensão e água benta cada um toma o que quer”, reza o provérbio, que positivamente não tem pé nem cabeça. Que vem fazer aí “água benta”? Fica tudo esclarecido, se nos lembrarmos que a versão antiga do anexam é “Pretensão, *água e vento*, cada um toma o que quer”. Neste caso, não se percebe a razão que levou o povo a mudar a roupa ao ditado. Realmente, só tem sentido e graça o texto primitivo, porque *água e vento* são bens do domínio público por natureza e destinação (quanto à primeira, estou ouvindo os protestos do carioca!). Dá que pensar este exemplo, não só pela sem-razão alegada, como pelo fato de se ter perdido definitivamente o texto primitivo do adágio. Todos, inclusive as pessoas cultas, hoje dizem “Pretensão e água benta”. Teria havido influência do espírito e das práticas religiosas? teria havido impressão de pregadores que diriam, encarecendo o uso de água-benta, que todos se deviam aspergir, o que cada um faz quantas vezes quer? ou tudo isso é fantasia minha?...

6. “Abre as portas”. – Conta o ilustre pedagogo jesuíta Arlindo Vieira que encontrou na prova de um aluno seu de história, o qual pretendia ter sido essa a mais importante das conquistas liberais inglesas no Médio-Evo (v. Arlindo Vieira, *Subsídios Para a Reforma do Ensino*, Rio, 1937, p. 23). *Habeas corpus* é o que o bom do aluno queria dizer. Aqui, neste novo traje, influíram à uma o som e o sentido da forma originária. Como houve tentativa de interpretação semântica, cuido que deve ser capitulado de “etimologia popular” o fenômeno. Terá ficado no subconsciente do aluno a idéia de liberdade, soltura, reivindicações populares, etc. e daí esse magnífico *abre as portas*.

7. *Empalhativo* - modificação de *paliativo*. Tenho ouvido isto a pessoas incultas que tem tido contato com pessoas instruídas. Este caso ainda deve ser considerado como de “etimologia popular” uma vez que aí houve influência da palavra *empalhar*, de largo uso na linguagem vulgar, e que tem o sentido de *enganar*, “apresentar motivos fúteis para faltar ao prometido”, “fazer alguém de tolo”. Ora, *paliativo* é um remédio que *empalha* o doente...

8. *Viramão* - irreconhecível à primeira vista, nada mais é que a nova casaca de *Veramon*, um desses analgésicos providenciais furiosamente anunciados. Colhi este pitoresco exemplo de “atração homonímica”, em uma viagem pelo Estado de S. Paulo, da boca de uma romeira que se dirigia, fazendo parte de numeroso grupo, a Aparecida do Norte. Na mesma ocasião, pesquei estoutro:

9. *Plantaforma* - em lugar de *plataforma*, caso em que trabalhou a associação com o vocábulo conhecido *planta* (rigorosamente *pranta*), para desterrar o elemento desconhecido *plata*. Aqui não há esforço de interpretação, senão apenas “ouvido lingüístico”.

10. *Buscarré*. - É assim que no Sul de Minas se nomeia o corte de cabelo, que se chama de seu verdadeiro nome, aliás peregrino, *brosse-carrée*. Eu parece-me que aí houve influência de *busca-pé*, tão grande é a semelhança fonética entre um e outro vocábulo. É evidente que estamos ante um caso de mera “atração homonímica”.

11. *Lei de Benteli*. - Era deste modo que se referia à *Lei do Ventre Livre* uma boa preta velha, muito boa, dessas que não se usam mais. Dizia ela - que hoje repousa no seio de Deus - que nunca fora escrava, porque nascera depois do *benteli*. Creio que a esta metamorfose presidiu o vocábulo *bem-te-vi*, nome vulgar de um pássaro muito conhecido. Temos aqui simples “atração homonímica”.

12. *Pisadeira* - é como a gente do povo, no Sul de Minas, principalmente na zona rural, chama ao *pesadelo*. Está claro que aqui houve influência de *pisar*, e provavelmente influência de sentido. Como o *pesadelo* oprime, pesa, angustia, *pisa* o indivíduo, terá sido transformado em *pisadeira*. A ser exata minha impressão, teremos aqui um caso de “etimologia popular”. Caso contrário, o fenômeno seria de simples “atração homonímica”.

13. *Correr cotia*. - É esta uma expressão corrente em Minas, para significar “correr seca e meca”, “andar daqui pra ali”. Creio que se trata de modificação, por “etimologia popular”, da expressão regional portuguesa *correr a coxia*, que significa, segundo Figueiredo, “andar à tuna, vadiar; andar por toda parte”. Terá havido substituição de *coxia*, termo estranho ao vocabulário local, por *cotia*, nome de conhecido roedor: “correr cotia” = “correr atrás de cotia”, “andar ao encaicho de cotia”.

Todos sabem que *cuspidado e escarrado* é transformação de *esculpido e encarnado*; que *missa de libra e meia* é metamorfose de *missa de libera me*; que *errar é dos Manuéis* é deformação de “*errare humanum est*”; que a forma primitiva do provérbio “Não se pescam trutas a *barbas* enxutas” é “Não se pescam trutas a *bragas* enxutas”; que “cantar o *Estêvão de Matos*” é “cantar o *Stabat Mater*” - fenômenos todos de “etimologia popular” ou de “atração homonímica”, que me dispense de comentar.

É de lembrar que o grande Leite de Vasconcelos versou rapidamente o assunto em *Opúsculos*, I, Coimbra, 1928, pp. 354-355 e aí reporta alguns fenômenos por ele observados: *Santo Oubido*, por *Santo Ovídio*; *migalhada e migalheiro*, por *mealhada e meallheiro*; *mão refinada*, por *mão de finado*; *Pisco Paulo*, por *episcopal*; *semessuga* (= “se me suga”), por *sanguessuga*; *sancristão*, por *sacristão* (fato também corrente no interior do Brasil); *Santanás*, por *Satanás*; *já nu’ há céu* (aqui referido em nota), por *Ianua caeli*; *filho-faminto*, por *filho-família*.

No seu magnífico *O Amanuense Belmiro*, diz Ciro dos Anjos que lá em Vila Carafas se dizia *Valsa-Viana* por *Varsoviana*, nome de uma peça musical popularizada. (v. *O Amanuense Belmiro*, 2ª ed., José Olímpio Editora, Rio, s/d, p. 20). Não sabemos se se trata de fantasia do romancista ou de reminiscência do escritor que, aliás, se revela, em vários lugares do livro, muito atento a fatos de língua, sobretudo da linguagem popular.

A minha colheita pessoal é bem mais farta, vai bastante além do que o que para estas colunas carreei. Fico, porém, aqui, por não abusar da paciência do leitor amigo. No entanto, o que se apontou e comentou é bastante expressivo para mostrar a força da inventiva popular e o poder de associação, aliás muita vez falta de lógica, que tem o povo. O estudioso de questões de Filologia e de Lingüística não pode esquecer-se da existência do fenômeno que hoje nos serve de assunto, sob pena de ficar embaraçado e sem saída diante de problemas de fácil solução.

Notas:

- 1) Observou Leite de Vasconcelos, em Portugal, a mesma transformação: “já nu’há céu”. Dá a entender o Mestre que o fenômeno lá é generalizado entre as mulheres do povo.
- 2) No livro de Saussure não se faz referência a estoura denominação.

(In *O Jornal*, Rio de Janeiro, 18-8-1946.)

LINGÜÍSTICA, FILOLOGIA E CONHECIMENTO DA LÍNGUA.

(1973)

[Comunicação apresentada ao Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, em Niterói.]

A rigor, não vou fazer uma comunicação, mas simplesmente expender algumas considerações que não me parecem impertinentes ao temário deste Congresso, embora eu tenha plena consciência de que possa estar sendo um impertinente no juízo dos ilustres congressistas.

Posso justificar-me fazendo minhas as palavras de um grande brasileiro, infelizmente esquecido, Júlio Maria: “Se nos meus pensamentos e reflexões acharem alguma valia, continuarei a pensar e a refletir; se não acharem nenhuma, continuarei também”. Isto poderia parecer nele, e em mim, desprezo pelos outros, mas não é. É respeito pela atividade da inteligência.

Ninguém realmente nega que um dos característicos mais sensíveis da crise espiritual dos nossos dias seja o irracionalismo. Ou, para sermos mais enérgicos e mais exatos, a *logofobia*, como diz Jacques Maritain.